

Resumo: *Fraternidade e Amazônia, tema da Campanha da Fraternidade de 2007, é uma rica oportunidade para repensar o Brasil a partir dos seus seis “berços de vida”, os biomas, retomando a história longa da terra, da biodiversidade e da vida humana, aprofundando a crítica dos projetos colonialistas, ainda dominantes, e reforçando os projetos de convivência sustentável com cada bioma. A retomada da teologia da Criação, e da Recriação, em Jesus Cristo, iluminam a realidade e ajudam a firmar práticas de solidariedade em favor da Nova Amazônia desejada por seus povos e estimula a “amazonizar” os demais biomas.*

Abstract: *The themes of this year’s Campaign of the Church in Brazil focus on fraternity extending to the people of the Amazon region. It will be an enriching experience for all concerned by taking into account the six “cradles of life” on this planet (rivers, forests, desert, pastures, air, water) dealing with the history of living beings on earth, the problem of biodiversity, and human life. Special attention is to be given to a discernment of colonial projects still in vogue and the attempt to reinforce projects of a sustainable way of life in conjunction with each environmental surrounding. New insights will arise from the theology of creation and redemption by Jesus Christ which will give rise to initiatives of solidarity towards the people living in the Amazon region.*

Campanha da Fraternidade 2007: a Amazônia como profecia

*Ivo Poletto**

* Filósofo, teólogo e sociólogo, assessor da Cáritas Brasileira e da 4ª Semana Social Brasileira, membro da Comissão de elaboração do texto-base da CF 2007. Autor, entre outros, do livro *Brasil: oportunidades perdidas – meus dois anos no governo Lula* (Rio de Janeiro: Garamond, 2005).



Introdução

A Amazônia pode ser vista e apresentada de diferentes maneiras. Trata-se de uma região, um bioma imensamente complexo, e isso torna possível abordagens muito diversificadas. A Campanha da Fraternidade fez sua escolha: acolheu e vai comunicar a Amazônia dos povos amazônicos. Em lugar de uma visão limitada ao presente e ao contexto do debate economicista ou preservacionista dominantes, a Amazônia recobra sua longa história e se apresenta a partir das aspirações e dos projetos de seus povos. Evidentemente, acolhendo as culturas e inspirações religiosas destes povos. Todos os elementos que tornaram e mantém possíveis as muitas formas de vida são assumidos como parte do modo de ser humano. É por isso que, para a igreja Católica e para toda a sociedade, a Amazônia se apresenta como uma profecia.

Em vista disso, e supondo que todos/as lerão o texto-base da Campanha da Fraternidade,¹ esta reflexão destacará, na primeira parte, a nascente proposta de “Nova Amazônia” presente nas iniciativas e elaborações dos povos da região, em contraposição aos projetos ainda colonizadores, que pensam a região de fora e para fora, submissos e servis aos interesses capitalistas da globalização financeira neoliberal. Em seguida, a reflexão caminhará no rumo das práticas coerentes de ação para e com as pessoas que topam a denúncia e o anúncio que vêm da Amazônia para o Brasil e o mundo.

Por uma Amazônia dos e para os amazônidas

Começemos reconhecendo que a Amazônia conta com presença humana há doze mil anos ou mais. E uma presença qualificada. Eram povos diferentes, que se comunicavam através dos rios, criando um relacionamento de trocas culturais e de bens, bastante intenso. Povos criativos, capazes, por exemplo, de domesticar tubérculos e frutas. Vejam o que nos diz o arqueólogo Eduardo Góes Neves, em livro recente:

“Uma das maiores contribuições dos índios das Américas para a humanidade foi a domesticação de uma série de plantas que atualmente são consumidas de diferentes modos por todo o planeta. A lista é grande

¹ Esta é a razão para que o autor não se preocupe com indicação de fontes e autores, já citados no Texto-base, publicado pela CNBB.



e será aqui parcialmente mencionada, em ordem alfabética: abacate, mamão, mandioca, maracujá, milho, pimenta vermelha, pupunha, tabaco e tomate, entre outros, foram domesticados em diferentes partes do continente, muito antes da chegada dos europeus...

Pode-se considerar a emergência da agricultura como um processo coevolutivo, no qual os seres humanos e plantas desenvolveram uma dependência mútua que tornou a vida de ambos impossível sem a presença do outro. A mandioca é um belo exemplo: foi domesticada na Amazônia e atualmente é consumida em larga escala pela América Latina, Caribe, África e Ásia. Ela é tão dependente dos seres humanos para se reproduzir, que muitas variedades já perderam a capacidade de lançar sementes no solo. Nesses casos, é necessário que talos do galho sejam quebrados e plantados pelos agricultores. Por outro lado, é correto afirmar que muitas populações do mundo em desenvolvimento teriam dificuldades nutricionais ainda piores sem o cultivo da mandioca. Esse exemplo é ilustrativo e impressionante, já que os índios – provavelmente as índias – do passado desenvolveram uma tecnologia sofisticada, baseada no uso de vários instrumentos, como o ralador, o tipiti e o cumatá, que transforma uma planta extremamente venenosa em vários produtos importantes, como o beiju, a farinha, a tapioca e o caxiri.”²

Esta longa citação tem o objetivo de ir desconstruindo a imagem dominante em relação aos povos e populações da Amazônia. Tem sido e continua sendo preconceituoso afirmar que a região seria um *vazio populacional* e que os povos amazônicos seriam culturalmente atrasados, apenas afeitos a viver da pesca e da caça. Isso pode, em parte, valer para tempos mais recentes, em que os sobreviventes da colonização europeia foram forçados a esconder-se nas florestas ou sobrevivem em áreas delimitadas e sempre ameaçadas pelas frentes pioneiras do progresso capitalista. Mas não vale para toda a sua história. Pelo contrário. Pesquisas recentes estão concluindo, por exemplo, que as manchas de **terras pretas**, presentes em diferentes áreas da região, *talvez sejam o melhor indicador de que os ambientes amazônicos foram modificados pelas populações indígenas que ocupavam a região antes da conquista. Atualmente, esse tipo de solo é procurado por agricultores em razão de seu potencial de cultivo, mas pouca gente sabe que foi formado pelos índios no passado. Além da alta fertilidade, talvez a propriedade mais interessante das terras pretas seja a estabilidade. Escavações realizadas*

2 Neves, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 31 e 33-34.



na Amazônia central indicam que as terras pretas nessa área datam do século VII, ou seja, têm cerca de 1.400 anos de idade. Tais solos mantêm, no entanto, alta fertilidade, o que normalmente seria incompatível com a intensa lixiviação que ocorre nos trópicos...”³

A Amazônia conta, então, com uma história longa, vivida e contada por povos que convivem com ela há mais de doze mil anos. Seu modo de vida e suas culturas, profundamente religiosas, possibilitaram que, até a chegada dos colonizadores europeus, o bioma Amazônia fosse profundamente respeitado. São povos que se consideram nascidos da natureza da região, filhos e filhas dos rios, das florestas. Quando sentem necessidade de modificar o ambiente, derrubando árvores para expandir áreas agrícolas, ou para dar descanso às já cultivadas há anos, realizam ritos de pedido de licença e de perdão, cientes de que a sua vida está diretamente interligada ao equilíbrio e à harmonia entre todos os seres vivos e com os elementos naturais de que a vida necessita. Toda agressão provocará resposta dos “espíritos” presentes nas águas, na floresta, nas árvores, nos animais, no ar, nas chuvas, no sol, na lua, no ventre da Mãe-Terra...

Para compreender os povos da Amazônia atual, será necessário ter presente que os denominados “povos da floresta” contam com a presença ativa e propositiva das comunidades de negros quilombolas, de seringueiros, ribeirinhos, posseiros, migrantes, mulheres catadoras de coco babaçu, agricultores familiares, artesãos/ãs rurais e urbanos, associações e cooperativas de economia solidária... Esta população chegou e estabeleceu-se na região a partir de diferentes programas de extração de riquezas naturais e de colonização, promovidos por iniciativa de grupos econômicos e/ou pelo Estado. Sem entrar em detalhes, basta lembrar as duas migrações ligadas à extração do látex das seringueiras para a produção de borracha: a primeira, no final do século dezanove, em função do aumento do uso de pneumáticos na Europa e Estados Unidos da América do Norte; e a segunda, durante a segunda Guerra Mundial, respondendo às necessidades dos Aliados, impedidos de importar a borracha da Malásia pelos japoneses. Nas duas, os que se enriqueceram não foram os seringueiros. Pelo contrário. Os que sobreviveram ao abandono, às malárias e aos animais, ficaram na Amazônia por falta absoluta de recursos para retornarem ao Nordeste, de onde haviam par-

3 Idem, p. 52-53.



tido. Convivendo com os povos indígenas – depois de muitas tensões e agressões, em geral patrocinadas pelos “coronéis de barranco”, que se apropriaram indevidamente de imensos “seringais”, e pelos donos de barco que, em conjunto, criaram e impuseram o sistema de “*aviamento*”, pelo qual os seringueiros ficavam endividados na troca desigual das “pelotas de seringa” pelos produtos básicos de sua alimentação –, assumiram muitos de seus valores e hábitos, e reforçaram a população denominada “cabocla”.

Mais recentemente, nos anos da última ditadura militar, especialmente nas décadas de 70 e 80 do século passado, muitos brasileiros pobres de todas as regiões do país foram levados a viver na Amazônia. Foram tempos de iniciativas de colonização patrocinadas pelo Estado e por empresas comerciais. Seu objetivo nunca foi o de criar oportunidades para as famílias empobrecidas e sem terra. O que se visava era evitar pressões por reforma agrária, liberar terras para a modernização empresarial da agricultura em regiões de minifúndio, e atrair trabalhadores para os grandes projetos econômicos que levariam progresso para a região amazônica – “isolada, vazia e atrasada”, insistiam as elites preconceituosas.

Com isso, cresceu muito a população da Amazônia, chegando a 23 milhões de pessoas, e aumentaram também os desafios. Por falta de preparo para viver nesse bioma, os “colonos” familiares terminaram repetindo os hábitos anteriores, desmatando para introduzir a “agricultura branca” que conheciam e tinha a ver com sua sobrevivência. Agora, pelo fato de já ter sido desmatado quase 20% de todo o território, especialmente pela irresponsabilidade dos grandes projetos de pecuária e de monoculturas agrícolas, todos são desafiados a descobrir alternativas de convivência com as características do bioma.

Mesmo parte desses colonos, contudo, já está dando contribuições significativas para um projeto de Amazônia elaborado, promovido e defendido pelos povos amazônicos. As famílias do projeto RECA – Reflorestamento Econômico Consorciado Adensado – são um bom exemplo. Elas reflorestaram, ou melhor, recriaram a floresta amazônica com intenção econômica: colhem seus frutos, cocos, castanhas... e os transformam em alimentos por meio de processos simples de industrialização. Para eles, a “reflorestação” tem sido o caminho para viver em comunidade, com renda superior a outros projetos produtivos tradicionais que partem da derrubada da floresta.



O que importa mais, contudo, é que o projeto de Amazônia defendido pelos povos da região não passa pela derrubada da floresta e pela contaminação dos rios e lagos, menos ainda pela pecuária extensiva ou pela monocultura agrícola, pela mineração ou construção de barragens e hidrelétricas predatórias. Eles querem, e estão conquistando, “reservas extrativistas”, pertencentes a comunidades de seringueiros, quilombolas, ribeirinhos, quebradeiras de coco babaçu etc. Eles propõem, e em pequena escala já estão construindo, uma convivência cultural e econômica com a floresta, com as águas dos rios e lagos, com a biodiversidade; para eles, é possível um desenvolvimento econômico e social seguindo um caminho alternativo ao do progresso capitalista. Para isto, porém, é indispensável uma democracia verdadeira, em que todos os cidadãos e cidadãs participam na formulação, aprovação, implementação, avaliação e redefinição do projeto de desenvolvimento do seu bioma Amazônia. Só com um projeto que nasce de dentro e com participação de todo o povo, a Amazônia terá condições de gerar vida de qualidade para toda a sua população e continuar sendo “pulmão” para o Brasil e para o mundo.

A Amazônia como profecia

Em que sentido a Amazônia é uma profecia?

Na dimensão de denúncia, ela é profecia em muitas dimensões. Ela revela como os povos indígenas foram vítimas de etnocídio e genocídio, nos últimos quinhentos anos, a partir e sob responsabilidade dos colonizadores europeus, que, aqui, não foram só portugueses. Eram três milhões, ou mais, em 1.500, e hoje estão reduzidos a 270 mil, sendo que 61 mil vivem espalhados pelas cidades. Como os indígenas, os negros, trazidos para o trabalho escravo, ou estão penando para sobreviver nas cidades, depois de um fim de escravidão que os deixou sem direitos, ou estão nas comunidades quilombolas espalhadas no meio da floresta. Os demais “colonos”, como já referimos, entraram em projetos que enriqueceram elites regionais, nacionais e internacionais.

Em relação à terra, ela é uma denúncia viva de que a grilagem tem sido e continua sendo o caminho da constituição das grandes propriedades. E que a propriedade, apesar de legal, pode ser ilegítima e carrega consigo a violência e morte de muitos povos indígenas e muitas pessoas.



Em relação ao “progresso”, ela denuncia que só pode ir mal uma região pensada de fora e em função de interesses de fora: dá em exploração de recursos, em destruição do meio ambiente, em exploração do trabalho, em geração de riquezas para fora e de miséria na região. Todos os grandes projetos, incluídos os que demandaram recursos públicos, terminaram favorecendo interesses de fora e a numericamente quase insignificante elite local. Um “progresso” assentado na redução de tudo a mercadoria, só podia resultar em biopirataria, incluindo o próprio sangue humano “puro” de indígenas em processos de patenteamento! Resumindo, é inaceitável que num bioma tão rico haja tantas pessoas vivendo na pobreza e na miséria.

Na dimensão de anúncio, a Amazônia nos anuncia que é um bioma em que ainda é possível implementar um caminho de desenvolvimento que conviva e dialogue com as suas potencialidades e limites. Isto porque, apesar da velocidade com que avança o desmatamento para implantação especialmente de monocultura de soja e de pecuária, a Amazônia ainda conta com 80% de seu território praticamente com as condições originais do bioma. Isto significa que ela mantém o equilíbrio e a harmonia entre os milhares ou milhões de elementos que tornaram e mantêm possível todas as formas de vida existentes – e é esta relação original e única entre esses elementos que faz dela um bioma, isto é, um espaço físico e cultural em que todas as formas de vida se realizam de maneira diferente dos demais biomas.

Os povos amazônicos avançam na implementação e formulação de um projeto de desenvolvimento em que toda a exuberante biodiversidade, e especialmente a vida humana, estejam no centro, sejam sua finalidade. Um projeto que seja enraizado nas culturas e conte com a inspiração e o acúmulo de conhecimentos dos povos amazônicos. Não basta que sejam encontradas formas de relação econômica com a floresta, rios e lagos preservados, cultivados, cuidados. O desafio maior é e será a construção de formas alternativas de viver em espaços urbanos, de tal maneira que, ao mesmo tempo, sejam garantidos para e com todas as pessoas que neles vivem o conjunto de direitos e a qualidade de vida presentes no seu *direito à cidade*, e as cidades também convivam com o bioma amazônico.

Em resumo, se o Brasil e a humanidade necessitam e desejam que a Amazônia seja preservada, será necessário que o projeto de Amazônia defendido pelos povos amazônicos seja reconhecido e implementado,



vencendo e desmontando o projeto de crescimento econômico capitalista neoliberal que avança, domina e destrói a região.

Amazonizar os demais biomas

A Campanha da Fraternidade propõe-se ser um tempo e um movimento evangelizador. Como o Evangelho de Jesus foi e é anúncio, acolhida e compromisso de participar da construção das boas novas do Reino de Deus, não basta o empenho, mesmo sendo absolutamente necessário, para que a Amazônia seja conhecida de forma mais verdadeira, desvelando as contradições entre o projeto de desenvolvimento dos grupos e governos capitalistas – que mantém caráter colonialista, explorador e predador –, e o dos povos amazônicos – que busca a convivência com o bioma. Não basta, também, que se pratique a solidariedade que se concretiza no apoio às iniciativas dos povos amazônicos, bem como às ações pastorais que as reforçam. A prática mais importante e necessária, como resposta à profecia que vem da Amazônia, é o exame crítico das condições de todas as formas de vida no bioma em que as pessoas e comunidades vivem, e o empenho criativo para recriar, no que for possível, o equilíbrio e a harmonia dos elementos que possibilitaram e mantêm a vida nele.

Passaria de cinismo a exigência de preservar a Amazônia para compensar o desequilíbrio causado pelo que, em outros biomas, foi e continua sendo considerado *progresso, desenvolvimento, civilização*? A coerência exige o compromisso de *amazonizar os demais biomas*. No Brasil, significa dar-se conta do que está acontecendo e empenhar-se na promoção das mudanças necessárias nos outros cinco biomas: Cerrado, Caatinga (Semi-Árida), Mata Atlântica, Pantanal e Pampas.

A Amazônia, se acolhida como uma profecia, torna-se uma oportunidade de ouro para promover o debate crítico das ilusões e confusões ideológicas em relação ao denominado *desenvolvimento*, e para gerar nova oportunidade de mudança de mentalidade e de estilo de vida. Para as pessoas que iluminam sua vida e se inspiram na prática de Jesus Cristo, buscando ser fiéis no seu seguimento, ela é uma oportunidade ainda mais radical. Ela nos interpela: o Deus de Jesus, Criador amoroso e apaixonado pela vida, e particularmente pelas mulheres e homens, suas filhas e filhos, ***está vendo que a Amazônia está boa? Está vendo que o Cerrado, a Caatinga, a Mata Atlântica, o Pantanal e os Pampas estão bem? E tudo está bem porque os pequenos estão bem?***



A expressão de felicidade, que o levou a descansar no *sétimo dia*, presente no reconhecimento de que ***tudo era muito bom e estava muito bem***, deve tornar-se a pergunta intrigante, a questão provocadora, o convite desafiador para a conversão, na Quaresma de 2007, no Brasil. Se a resposta se concretizar em mudanças pessoais e comunitárias e em práticas de solidariedade pastoral e política, em favor das iniciativas dos povos amazônicos e de suas propostas de Nova Amazônia e em favor de iniciativas que *amazonizem* os demais biomas brasileiros – então a Páscoa de Jesus se fará presente de forma mais transformadora em nossa história, e nós poderemos viver e celebrar com grande alegria este Mistério.

(Goiânia, 30 de novembro de 2006)